

Arte-educação, educomunicação e artemídia: diálogos na fronteira entre o digital e o sensorial

MARCIEL A. CONSANI

Introdução

Por ocasião do meu ingresso como pesquisador no PPGCOM¹, em 2004, pude reavaliar meus interesses acadêmicos por duas perspectivas. Na primeira, como detentor de uma bagagem intelectual e profissional alicerçada no campo da Arte, a qual incluía formação em Música, Educação Artística e Teatro, sem mencionar, ainda, os anos de atuação como professor de artes e músico profissional. Na segunda perspectiva, eu me situava como um artista/educador que, naquele momento, me distanciava do fazer e do pensar estritamente “artísticos” para mergulhar de cabeça na produção midiática e nas linguagens comunicacionais.

Considerando esta minha trajetória, creio que aquele momento importante de escolhas, ao final do Mestrado, coincidiu com meu encontro da Educomunicação, uma abordagem paradigmática diferente das práticas educativas que, até então, eu dominava, mas consistente o bastante para propiciar a reconstrução epistemológica que eu tanto buscava.

Àquela altura, um rumo possível — talvez, o mais “natural” — fosse o de me debruçar sobre a vertente da chamada “Expressão Comunicativa através das Artes”, proposta por Soares

1 Trata-se do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação do Departamento de Comunicação da Escola de Comunicações e artes da Universidade de São Paulo (CCA-ECA/USP).

(2011) com base no trabalho da pesquisadora Angela Schaun². Entretanto, meu interesse investigativo derivou por outra vertente para se desenvolver e o resultado, foi a conclusão, em 2008, da tese “Mediação Tecnológica na Educação: conceito e aplicações” (Consani, 2008).

Nos últimos dez anos, a promissora linha de pesquisa desbravada por Schaun, ao que tudo indica, não recebeu a devida atenção, em parte, pela dedicação dos educadores e pesquisadores da educação às outras instâncias especificamente midiáticas e comunicacionais enfocadas por este chamado campo emergente, como foi o meu caso.

Por outro lado, a emergência de uma abordagem pedagógica tão relevante quanto a Arte Educação, pode ter representado um “fator de inibição” para o surgimento de alternativas teórico-práticas que se propusessem a tratar da formação artística contextualizada no âmbito da Educação.

Assim, consideramos oportuno trazer para o debate esta relação entre Educação, Arte e Mídia. Nosso breve artigo está dividido em duas seções, que tratam, respectivamente dos aspectos históricos e convergências (parte I) e das implicações epistemológicas envolvidas nesta aproximação (parte II). Ao final, serão relacionadas algumas considerações finais.

1. Arte-Educação e Educação: duas trajetórias paralelas

Podemos dizer que, apesar de referenciadas em campos bastante distintos, Arte Educação e Educação, não deixam de apresentar similaridades em seus percursos históricos. Vamos examiná-los sucintamente.

1.1. Breve resgate histórico acerca da Arte Educação e da Educação

O movimento da Arte Educação, segundo relata BARBOSA (1989) surgiu como uma reação do “Movimento Escolinhas de Arte” (existente desde a década de 1940) às diretrizes governamentais do regime militar que, ecoando uma concepção pragmática oriunda dos E.U.A., tentava pautar o ensino de arte nas escolas por um viés utilitário.

Os princípios norteadores da Arte Educação, eram, em contrapartida, a expressão criativa dos indivíduos, desenvolvida *pari passu* com sua capacidade de leitura, crítica e histórica, da obra de arte.

2 Esta pesquisadora, falecida recentemente (30/01/2016), publicou duas obras: Educação: reflexões e princípios (2002a); e Práticas Educativas (2002b), ambas derivadas de sua pesquisa de doutorado “Educação e as Práticas de Grupos Afrodescendentes de Salvador da Bahia e suas Articulações Comunicativas”.

No que tange, propriamente ao fazer artístico, a Arte Educação aperfeiçoou bastante o que chamava, inicialmente, de “Metodologia Triangular”. Esta pode ser descrita, sucintamente, como uma sucessão do processo ensino-aprendizagem dividida em três fases: (I) a Criação artística, (II) a Leitura da produção e (III) a Reflexão contextualizada sobre a mesma. Posteriormente, teóricos da Arte Educação rejeitariam o rótulo de “Metodologia” enfatizando-o como uma “proposta” ou “abordagem” (BARBOSA, 1995).

A educomunicação, embora tenha se evidenciado mais recentemente, também tem suas raízes nos anos 1970. Foi naquela época que o pensamento de dois ativistas — o comunicador argentino Mário Kaplún, e o educador brasileiro Paulo Freire — começou a ser disseminado, ainda no contexto de práticas alternativas a partir de instituições da sociedade civil, como sindicatos e outras organizações terceiro setor.

Segundo nos relata Soares (2011) o marco referencial deste processo foi a pesquisa “O Perfil do Educomunicador”, na qual ocorreu o mapeamento preliminar de práticas que viriam a ser aglutinadas como vertentes educacionais de intervenção. Com base naquela recolha de dados, o grupo de pesquisadores do NCE definiu quatro vertentes principais a partir das quais os educadores atuam, sendo: (1) educação *para* a e *pela* comunicação; (2) a gestão da comunicação nos espaços educativos, (3) a reflexão epistemológica sobre a prática educacional e (4) a mediação tecnológica nos espaços educativos. Com o acréscimo de trabalhos posteriores, o leque de intervenções cresceu e abrange, hoje, sete modalidades³ (SOARES, 2012, 47).

Estas duas trajetórias independentes surgiram, como resposta a um modelo social excludente que alijava a formação dos estudantes da vivência artística e do direito à Comunicação. Não chega a ser uma surpresa que ambas tenham se alimentado de inspirações comuns e prosperado como modelos de intervenção para empoderar os indivíduos em contextos educativos da esfera pública. É disso que trataremos na sequência.

1.2. O quadro atual

Um dos motivos que motivou a redação deste artigo foi a constatação de que um grande número de educadores invoca a Arte-Educação não apenas como uma corrente inspiradora, mas como uma verdadeira teoria de base para sustentar ações que eles descrevem como “práticas educacionais”. Paradoxalmente, os relatos iniciais de Barbosa (1995), quando tratavam do aspecto do que chamamos “midiático” (ainda sem esta

3 Com a adição das vertentes (5) “Expressão Comunicativa através das Artes”, (6) “Pedagogia da Comunicação” (proposta pelo desmembramento entre *Media Education* e *Media Literacy*) e (7) “Produção midiática a serviço da Comunicação” (idem, 2012).

designação), buscavam ressaltar a importância de um olhar artístico que avaliasse criticamente aquelas produções veiculadas nos meios de massa, pela publicidade, indústria cultural etc.

O que explicaria, então esta afinidade despertada pela Arte-Educação junto aos educadores? Seria apenas o preenchimento de uma eventual “lacuna didática” deixada pela Educomunicação ou uma verdadeira convergência evolutiva entre abordagens educativas que visam democratizar a sociedade por meio da educação?

Há pelo menos três ordens de convergências que, em princípio, aproximam a Educomunicação da Arte Educação: (1) a *práxis*⁴ em permanente construção (2) as demandas sociais prioritárias que ambas buscam atender e (3) sua compatibilidade programática.

Embora partindo de uma constatação, ainda devedora de um mapeamento detalhado, de que são poucos os trabalhos acadêmicos específicos e relevantes sobre a relação Arte/ Comunicação na educação, é fácil perceber que lidamos hoje com muitas e diferentes proposições que consideram os fatos artísticos enquanto construções midiáticas. Isto leva ao aspecto que mencionamos sobre a constante necessidade, na Arte-Educação e na Educomunicação de reconstruir a própria práxis.

Outro viés de aproximação entre as duas abordagens educativas em questão, pode ser identificado no conjunto das demandas sociais que motivaram suas proposições, cada uma, em seu contexto temporal. O empoderamento dos sujeitos/educandos, alcançado por meio de um letramento — estético, na Arte e semântico na Comunicação — sempre foi um objetivo comum, orientado para uma perspectiva de transformação social questionadora de uma ordem hegemônica que se pretende imutável: a supremacia cultural e política de grupos minoritários e elitistas.

Esta característica comum é o ponto de partida da aproximação programática entre Educomunicação e Arte Educação, a qual pode ser traduzida num projeto educativo democratizante orientado para o resgate dos valores humanistas e amparado por uma metodologia colaborativa e crítica.

Mais do que apontar a origem e a importância de um problema epistemológico, cabe indicar alguns elementos que permitam avançar a nossa discussão, o que faremos a seguir.

4 Esta expressão, ressemantizada com base nos escritos de Marx (Abbagnano, 2000), foi largamente utilizada por Paulo Freire, não por acaso, um autor de grande influência nas duas abordagens educacionais aqui analisadas. Nesse contexto, ela equivale ao conjunto de práticas que reflete a união pensamento-ação pela qual o educador orienta sua intervenção transformadora.

2. Expressão comunicativa através das artes: uma proposta investigativa

A consolidação ainda irrealizada de uma abordagem educ comunicativa específica para a práxis artística precisa levar em conta a forte influência que a Arte Educação exerce nos meios acadêmicos e na formação de educadores, aspectos que refletem, inclusive, no âmbito das políticas públicas, um território no qual a Educomunicação vem buscando espaço há bastante tempo. Trataremos agora das perspectivas que podem nos orientar neste processo.

2.1. Construir um caminho ao caminhar

No aspecto geral, é forçoso constatar a necessidade de incrementar as pesquisas teóricas (ou de discussão epistemológica) e práticas (de aplicação) relacionando a educomunicação com as artes — isto tudo, com uma forte dose de sistematização alicerçada em uma consistente fundamentação teórica.

Esta demanda não pode ser tratada como secundária na agenda da Educomunicação, pois, além de recuperar o que podemos chamar de “uma vertente esquecida”, trata-se de atender a um questionamento constante que parte dos educadores que atuam ou que se formam para atuar nas ações educativas que imbricam a Comunicação e as Artes. Este questionamento, obviamente, reflete um contexto de sociedade no qual os limites entre Arte, Comunicação e Mídia são delimitadas unicamente pelo viés do observador:

Para muitos, a comunicação identifica-se exclusivamente com comunicação de massas, enquanto as artes se restringem ao universo das “belas artes”. Se nos limitarmos a essas visões parciais tanto da comunicação quanto da arte, a pergunta sobre as possíveis convergências de ambas não faz sentido. (SANTAELLA, 2005, p. 6-7)

Como em todas as propostas de pesquisa, não podemos esperar que a investigação do problema leve, conseqüentemente, à sua resolução. Se assumirmos que (1) estamos diante de um panorama de inconsistência epistemológica da Educomunicação, também devemos assumir (2) que esta discussão tem que ser conduzida em conjunto com o pensamento dos arte-educadores e não à sua revelia.

A dimensão deste desafio, entretanto, foi ampliada substancialmente pelo surgimento de uma nova sensorialidade, a qual redesenhou as fronteiras entre a Arte e a Comunicação. Potencializada pela virtualização digital dos suportes e processos de criação e produção, a Arte Mídia se torna mais um elemento influente no âmbito de nossa discussão.

2.2. Arte Mídia: uma peça a mais no quebra-cabeças

É difícil, nos dias de hoje, dizer onde reside a fronteira entre Arte e Mídia, se é que ela existe. Em meados do século XX, parecia fácil definir o que era Arte – Cinema, por exemplo – diferenciando-a do que era comunicação – por exemplo, a Televisão – mas, ao que tudo indica, esta lógica caiu por terra nas últimas décadas.

Entretanto, ao contrário do que aponta o senso comum, o fator decisivo para esta mudança é menos o avanço da tecnologia (e o advento do digital) e mais o esgotamento das possibilidades oferecidas pelos meios e técnicas consagrados pela tradição artística:

De fato, nos anos 1980, centenas de artistas apropriavam-se de imagens que vinham indiferenciadamente da história das artes ou das mídias. As barreiras entre as artes e as mídias perderam seus contornos, tornaram-se permeáveis. Fazendo uso de tecnologias audiovisuais para a produção, de meios industriais para a gravação e de sistemas de distribuição comerciais para a disseminação de suas obras (...). (Santaella, 2005, 49).

Em muitos casos, os artistas anteciparam novos formatos expressivos como a *performance* nas cênicas e a *instalação* – nas plásticas, que colocaram em xeque o contexto temporal e espacial do fato artístico mas, principalmente, transformaram irreversivelmente a relação do artista e de sua obra com o público. Este último, cada vez mais sedento de interação, dificilmente poderia ser definido como um “apreciador” ou um “espectador”.

As questões que se colocam, nos dias de hoje, e que afetam os pressupostos da Educomunicação e os da Arte Educação são substancialmente diferentes daquelas que, há duas ou três décadas motivaram a consolidação “programática” das duas abordagens. Podemos apresentá-las em um enunciado ainda provisório:

- Qual projeto de sociedade justifica a educação que construímos hoje?
- Como educar no contexto de uma cultura pós-moderna que apregoa valores de integração global mas segue aprofundando toda a sorte de desigualdades?
- Que papel o *continuum* Mídia-Comunicação-Arte — caso o tomemos como uma hipótese de trabalho — pode desempenhar diante de uma nova sensorialidade envolvida na construção e na expressão dos discursos contemporâneos.

Ainda não temos as respostas para tais indagações, mas, o simples fato de propormos a retomada desta discussão já abre novas possibilidades para a Educomunicação.

Conclusão

Há pelo menos duas “desambiguações” necessárias que se devem fazer à nomenclatura “Expressão Comunicativa através das Artes”. A primeira, seria o uso a dualidade inerente ao termo “expressão”, que tanto pode significar a exteriorização de um estado de emotivo, quanto à manifestação de uma intencionalidade comunicativa. No primeiro se manifesta um conteúdo afetivo por uma necessidade individual subjetiva e, no segundo, a ênfase recai no aspecto mais prático e objetivo de uma mensagem que se quer transmitir com clareza. A outra desambiguação se refere ao fato desta expressão se ar “através” das Artes, o que reduz, em grande medida, o fazer artístico, retirando-o de sua dimensão de fato social complexo e atribuindo-lhe, implicitamente, o papel funcional de uma linguagem ou canal de comunicação.

É claro que essas interpretações redutoras são fruto do desenvolvimento incipiente de uma reflexão ontológica e epistemológica daquela vertente, constatação que apenas reforça a necessidade de retomarmos esta linha de trabalho. Essa reflexão, no entanto, tem que ser apoiada numa visão ampla do que seja a Arte, sem confundi-la com seus resultados, isto é, as produções artísticas de qualquer natureza. Em outras palavras, entendemos que a educomunicação deve buscar a dimensão sensorial do fenômeno artístico, que nele existe, independente do meio de expressão (plástico, cênico, etc.) e do escopo social mais coletivo ou mais individual de seu alcance.

Tais questões dependem de um entendimento mais completo e abrangente o que seja a Arte e da atualidade de seus questionamentos os que dizem respeito a ela mesma e aqueles que ela dirige ao contexto cultural no qual se constrói e é praticada. Ou seja, não basta que os educadores utilizem recursos e estratégias metódicas comuns aos arte-educadores: eles devem transcender o aspecto puramente didático para alcançar a dimensão pedagógica da vivência artística.

Podemos estabelecer um paralelo com o trabalho que os educadores já fazem quando lançam mão dos modelos de produção cultural derivados do jornal, do rádio e da televisão: o que eles buscam, não é fortalecer o modelo do mercado da Comunicação hegemônico na sociedade, mas, ao contrário, evidenciar, questionar e, ao fim, desconstruir esta dinâmica de relações.

Por fim, o diferencial educutivo se traduz na possibilidade de transformar tais vivências em instâncias que promovam a melhoria das relações humanas na educação, entendida como um processo de desenvolvimento que equilibre as demandas individuais

e sociais. Com certeza, para alcançar este objetivo a Educomunicação deve se aproximar ainda mais da Arte.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. In **revista Estudos avançados**, 3.7 (1989): p. 170-182.

_____. Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. In **revista Comunicação e Educação**, nº 2, São Paulo, ECA-USP, 1995: p. 59-64.

CONSANI, Marciel A. **Mediação tecnológica na Educação**: conceito e aplicações. Tese de doutoramento apresentada ao PPPGCOM da ECA-USP em 2008.

PINHEIRO, Rose M. **A Educomunicação nos Centros de Pesquisa do país**: um mapeamento sobre a produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA-USP na construção do campo. Tese de doutoramento apresentada ao PPPGCOM da ECA-USP em 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo, Ed. Paulus, 2005.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro. Mauad, 2002a. (_). Práticas Educomunicativas: Grupos Afro-descendentes, Salvador – Bahia. Rio de Janeiro. Mauad, 2002b.

SOARES, Ismar de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo Paulinas, 2011.

O AUTOR

MARCIEL A. CONSANI - Professor Doutor do CCA-ECA/USP, atuando no curso de Licenciatura em Educomunicação daquele departamento, bem como na pós-graduação.